

Relato da análise de Hugo 8 anos

INÍCIO 1982.

Entrevista com os pais de Hugo

Os pais me procuraram preocupados com seu comportamento social, (passivo, pouco competitivo), seu rendimento escolar (a mãe precisa estudar junto com ele diariamente, senão não conclui as lições por ser dispersivo), frequentes dores de cabeça e diarreias, e ultimamente, tristeza e crises de choro quando não consegue uma execução "perfeita" e então, desiste.

O pai acha que foi muito duro com ele, muito exigente, e que com o segundo filho errou menos, este é uma criança alegre, festiva e que corre agradar o pai, enquanto Hugo evita-o e é capaz de enfurecê-lo. A mãe diz que é porque Hugo tem medo do pai. O pai concorda que não se controla e bate nele. A mãe diz que o pai proíbe Hugo de revidar quando o irmão o agride porque o acha muito violento e que se "abrir as comportas", o que vai acontecer?

Nesta entrevista procurei aproximar alguns aspectos da conduta de Hugo com o que eles pensam dele. O pai mostra durante as entrevistas uma atitude de controle, com certa invasão na função da mãe, tornando-a uma executora das suas ordens e desautorizando-a frequentemente diante dos filhos.

Percebo que, para o pai, Hugo é continente da identificação projetiva de um aspecto de sua mente, violento e destrutivo, e que precisa ser controlado. Para a mãe, Hugo representa desde o início da vida (e talvez desde a gestação dele, na qual teve ameaça de aborto e precisou guardar repouso) um bebê frágil, sem força de vida, sem "garra" para viver, e ela tem que supri-lo; representa, então, um aspecto dela, incapaz e frágil, que não introjeta e não cresce.

É na terceira entrevista que a mãe me conta sobre a dificuldade que Hugo tem de se alimentar. De recém-nascido sugava muito lentamente e

15 dias após, passaram a complementar com mamadeira. "Foi um drama para ele comer em pequeno. Até hoje tenho um saco de brinquedos que usava para distraí-lo enquanto lhe dava as colheradas". Precisava insistir, e até forçar. "Não conseguia suportar que ele não comesse".

Mostrei aos pais a relação entre dificuldade para comer e dificuldade para aprender (incorporar o "alimento para a mente").

O pai tinha tido uma experiência de análise e acreditava que a análise pudesse ajudar seu filho. A mãe mostrou desde o início muito desejo de ser ajudada na relação com o filho para ultrapassar sua ansiedade e insegurança.

Decidimos iniciar a análise de Hugo. Embora os pais quisessem ajuda analítica, resolveram que iriam postergá-la por motivos econômicos.

Primeiro semestre de análise

Primeira sessão - 1982

Na primeira sessão ele senta-se no divã, tenso e em expectativa, olhando para a sala como se fosse uma arena. Após um tempo ele diz: "Adivinha o que meu pai faz?". "Adivinha há quanto tempo uso óculos?".

Respondo-lhe que está assustado e sem saber o que veio fazer aqui [e eu tento pô-lo a par do propósito e da tarefa]. Ele não concorda que esteja com medo. Se aproxima dos brinquedos [que estão dentro da caixa aberta], olha, pega a plastilina, pergunta se já foi usada, olha as figuras do envelope que contém a plastilina... Diz que é difícil fazê-las... e comenta que o irmão tem um pacote com 7 bastões [o que está lá é de 6] e que um deles é bege, mas que aqui não tem. E torna a sentar-se no divã.

Percebo que frente à situação nova ele se sente exigido a organizar-se, mas está paralisado pela ansiedade. Projeta os aspectos persecutórios no "ambiente" e racionaliza seus sentimentos dizendo que não há brinquedos que ele goste, ou... é tudo para criança pequena...

Na segunda sessão, que foi uma semana após, assim que ele entra me pergunta [apontando] se atrás daquela parede é a minha casa [ao que eu respondo que sim] e que aqui é o consultório.

Pergunta se eu viajei no fim de semana e eu devo ter lhe dito que ele quer saber o que aconteceu após a primeira sessão dele e que estamos aqui de novo para continuar a nos conhecermos. Permanece daí sentado na beira do divã, tenso, sem brincar nem se comunicar verbalmente, apenas movimentando as mãos uma com a outra.

Aos poucos, começa a descrever o que ele faz o dia inteiro; luta judô... e conversa sobre as cores das faixas. Aí me pergunta se já está bom, e se

pode ir embora. Mostro-lhe como ele se sente ameaçado que eu o "force a comer" ... Ao que ele concorda com a cabeça.

Sessão de 07/06/1982

A terceira sessão é o início da análise. Converso com ele sobre o trabalho que estamos iniciando, horários, duração da sessão, férias.

Ele me pergunta se eu sei aquele jogo de adivinhar assim: "adivinha o que é 4 em cima de 4, sai 4, corre 4 e fica 4?".

Eu respondo que não sei e ele: "É o gato em cima da mesa, sai para pegar o rato, não pega e fica a mesa".

Ele: "Adivinha o que é maior no homem, menor na galinha?"

Eu: "Não sei".

Ele: "É o chapéu; no homem fica alto e na galinha baixinho... agora não sei mais!... Você sabe?".

Eu: "Não, não sei. Mas acho que você está tentando me pôr no lugar em que você se sente; que não sabe e tem que procurar, ou adivinhar o que fazemos aqui, porque seus pais trouxeram você aqui, quem sou eu... tudo isto vai ficando claro aos poucos, precisa dar um tempo para ir entendendo... à medida que vamos conversando". (Este reassseguramento foi uma resposta minha à enorme ansiedade dele).

Ele então fica quieto um bom tempo, brincando com suas mãos. Digo-lhe que pode ser que ele esteja achando estranho o que sente... Ele continua mais tempo brincando com as mãos!

(Me ocorreu a imagem do bebê no berço, brincando com suas mãos, esperando a mãe chegar... e pensei que ele podia estar "vivendo" aquele momento através deste estado mental: de um bebê sem a mãe e enquanto espera ela chegar brinca com suas mãos).

Digo-lhe isto e ele não concorda, pois se o bebê estivesse assim, ele estaria chorando. Digo-lhe que Hugo tem medo de usar a presença-Marisa, pois acha que posso atacá-lo.

Ele tosse e se ajeita escondendo parte de seu rosto.

Pouco depois, timidamente ele faz perguntas sobre as portas e o corredor do consultório, e se o som do piano [sendo tocado] vem da minha casa. Esclareço-lhe estes detalhes e afirmo que onde estamos é o meu consultório, e que aqui ninguém vai entrar, não vamos ser interrompidos.

Sessão de 08/06/1982 - 3ª-feira

Entra com uma bala na boca. Senta, está muito tenso, sem espaço para se expandir, parece estar "empacotado". Começa a brincar com as mãos,

